



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6160 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 07 - Alfabetização e Letramento

OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DO PLANEJAMENTO PARA A ALFABETIZAÇÃO A DISTÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Patricia Ignacio - FURG - Universidade Federal do Rio Grande

Caroline Braga - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE

OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DO PLANEJAMENTO PARA A ALFABETIZAÇÃO A DISTÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Considerando a conjuntura atual, de suspensão das atividades presenciais das escolas de Educação Básica, em virtude da pandemia do Coronavírus (COVID-19), os processos de ensino e de aprendizagem das crianças em fase de alfabetização têm sido realizados com outras dinâmicas e em outros espaços e tempos, que não os das salas de aula. Sem dúvida, esse novo contexto apresenta distintos limites no que tange não só ao planejamento das práticas de alfabetização, mas também ao desenvolvimento, ao acompanhamento e à avaliação do processo de aprendizagem das crianças. Inúmeras questões são colocadas em pauta pelas Secretarias de Educação, e especialmente pelas professoras alfabetizadoras, tais como: De que maneira garantir o direito à educação a essas crianças? Como dar continuidade ao processo de alfabetização a distância? Quais atividades priorizar e desenvolver? Como mensurar o tempo do planejamento? Como acompanhar e avaliar o processo de aprendizagem das crianças? Como considerar o espaço e o tempo das residências no planejamento? Como envolver as famílias de modo que elas possam contribuir nesse processo? Mesmo diante desse cenário de incertezas e enfrentando os mais variados desafios, as redes de ensino estaduais e municipais do Estado do Rio Grande do Sul vêm dando continuidade às suas atividades de ensino, por meio do trabalho remoto, com o uso de diferentes estratégias, tais como, por exemplo, o envio de tarefas impressas para as famílias ou a retirada dessas na escola e, ainda, o uso e/ou encaminhamento de atividades via ferramentas tecnológicas. Nesse contexto, e propondo um movimento de "análise do tempo real", apresentamos, neste trabalho, dados de uma pesquisa que buscou compreender como as professoras alfabetizadoras de dois municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre estão planejando suas práticas pedagógicas alfabetizadoras, em tempos de pandemia do COVID-19. Vale ressaltar que ambas as redes municipais em estudo, assim como as demais instituições de Educação Básica e de Ensino Superior do Estado, tiveram suas atividades de ensino presenciais suspensas no mês de Março do presente ano, segundo o Decreto Estadual nº 55.115, de 12 de março de 2020. Desde então, esse prazo vem sendo prorrogado sem uma projeção de retorno das aulas presenciais. Assim, diante da orientação de dar seguimento às atividades de ensino de modo remoto, as professoras do ciclo de alfabetização têm tido suas ações tensionadas diariamente pela necessidade de (re)organização, (re)configuração e (re)invenção. A fim de evidenciar que recursos e estratégias didático-pedagógicas estão sendo adotadas pelas professoras para o trabalho com o processo de alfabetização, além dos principais desafios enfrentados por elas

durante os seus planejamentos em tempos de pandemia, foi enviado um questionário via *Google Forms* a todas as professoras que atuam no ciclo de alfabetização das redes de ensino em estudo. O mesmo foi composto por 19 questões, distribuídas em três segmentos, a saber: Parte I - Formação Acadêmica, Parte II - Planejamento em Tempos de Pandemia e Parte III - Demandas para uma possível Formação Continuada com as redes de ensino. Para tanto, foram aplicadas questões abertas e fechadas, sendo que as questões abertas permitiram às participantes “responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 204), para que pudéssemos compreender os entendimentos e as necessidades das docentes em relação à alfabetização e ao planejamento em tempos de pandemia. As questões fechadas, por sua vez, com respostas mais objetivas (Ibid), oportunizaram dados acerca da formação das professoras, dos recursos e estratégias utilizadas nos processos de ensino e de aprendizagem a partir desta nova conjuntura. Do total de 68 professoras alfabetizadoras, que integram ambas as redes de ensino, obtivemos o retorno de 28 professoras. Todas elas com formação em nível Superior, sendo mais recorrente a graduação em Pedagogia. Contudo, há duas professoras com Licenciatura em Educação do Campo, uma com formação em Letras e uma em Geografia. Somente uma professora apresenta como titulação máxima a graduação, todas as demais 27 participantes da pesquisa possuem pós-graduação. A maior parte das professoras atua exclusivamente com turmas de 1º, 2º ou 3º anos e somente quatro delas ministram aula em mais de um dos referidos anos. Sobre o tempo de docência na Educação Básica, pode-se perceber que o mesmo varia de um a vinte e três anos, sendo que quase 75% dessas profissionais possuem mais de 5 anos. Se considerarmos especificamente a experiência no ciclo de alfabetização, este índice altera significativamente, pois com exceção de cinco profissionais, todas as demais trabalham há menos de seis anos. Esses dados são relevantes à medida em que evidenciam que, mesmo o grupo sendo formado majoritariamente por professoras com mais de 5 anos de atuação na Educação Básica, o principal desafio enfrentado neste momento de pandemia, segundo os questionários, está na organização do planejamento. Sobre esse aspecto, provavelmente, somam-se tanto as demandas decorrentes da pandemia, quanto as necessidades que emergem em virtude de a maior parte das professoras atuarem há somente 5 anos com a alfabetização. Em relação ao planejamento, Libâneo (2013, p. 245) afirma que, "o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino". Ou seja, a organização e a coordenação das práticas pedagógicas estão em constante revisão e adequação em função das formas e dos modos em que ocorre o processo de ensino. Um processo que, em tempos de pandemia, se dá articulado às novas problemáticas do contexto social e que emerge das necessidades diárias de (re)organização, (re)configuração e (re)invenção do planejamento para a alfabetização a distância, tendo em vista, especialmente, a ausência de interações e intervenções no desenvolvimento dos processos cognitivos das crianças no que tange à aquisição da leitura e da escrita. Para compreender os modos como as professoras alfabetizadoras estão planejando suas práticas pedagógicas em tempos de pandemia, compilamos as informações coletadas de forma a descrever como tem sido pensado o planejamento, quais os recursos e estratégias didático-pedagógicas e quais os desafios enfrentados até então. Para tanto, os dados foram analisados tomando por base três categorias que emergiram: a (re)organização, a (re)configuração e a (re)invenção, as quais não se dão de forma isolada. É oportuno ressaltar que a organização é aqui entendida como a disposição, a programação, a gestão dos processos de ensino e de aprendizagem a distância. A configuração, como os arranjos dados ao planejamento da alfabetização em tempos de pandemia. E a invenção, como a criação e as inventividades propostas pelas professoras para dar conta destes tempos. De início, a análise dos dados aponta para um distanciamento entre as duas redes municipais no que se refere à frequência e à periodicidade da organização dos planejamentos, isso porque em uma das redes de ensino a maioria das professoras indicou realizar planejamentos quinzenais (87,5%), enquanto a outra desenvolve, em sua maioria, planejamentos diários (45%). É provável que

essa periodicidade seja distinta da realizada pelas professoras anteriormente à suspensão das atividades presenciais, por diversos motivos. Um deles é a questão do tempo. Sobre esse aspecto, foi possível perceber que não há uma uniformidade no tempo destinado aos planejamentos das professoras, uma vez que algumas indicaram estarem organizando atividades para o período de duas horas e outras para o horário “em acordo com que seria seu turno de aula presencial, para não perder a rotina de aula” (PROFESSORA 1). Todavia, sabe-se que o tempo do planejamento, demarcado no cotidiano escolar pelo início e término da aula, pela rotina estabelecida em cada turma, pelas intervenções da professora e dos colegas é completamente distinto do tempo destinado para a realização das atividades escolares nas residências familiares, por mais que se busque uma “semelhança ao dia letivo”. Como frisado pela Professora 2, é necessário, na elaboração do planejamento, um equilíbrio a fim de identificar “a melhor maneira de desenvolver a atividade, sem estar presente, pois os pais são mediadores e não nós professores”. Nessa direção, muitas professoras indicaram que uma das grandes dificuldades enfrentadas neste momento está sendo (re)organizar o planejamento de modo que possam ser elaboradas propostas que atendam aos níveis de alfabetização de cada criança e que não demandem uma interação e mediação mais específica por parte da família, pois a mesma, provavelmente, não saberá conduzir a atividade com a intencionalidade pedagógica planejada, uma vez que eles podem não ser professores, não possuem conhecimentos teóricos e didático-pedagógicos voltados ao processo de alfabetização e, em alguns casos, não serem alfabetizados. Além da distância existente entre professoras e alunos há de se considerar, segundo os relatos, o tempo que cada criança leva para realizar a atividade e, ainda, a disponibilidade dos pais para “mediar” os processos de ensino e aprendizagem, já que muitos permanecem trabalhando diariamente e nem sempre conseguem acompanhar as atividades dos filhos no tempo programado e, tampouco, dar um retorno imediato às professoras. Assim, na esteira da (re)organização e da (re)configuração da aula em tempos de pandemia, se enquadra o desafio de articular o planejamento do tempo de sala de aula versus o tempo de execução das atividades pelas crianças, de disponibilidade e de retorno das famílias. Como afirma a professora 3 “O tempo para execução é organizado pelos pais, alguns enviam na mesma tarde da atividade, outros a noite, outros após concluírem duas ou três atividades”. Sobre esse último aspecto, ainda, é significativo o registro de outra professora que indicou organizar as atividades diariamente, mas solicitar aos pais o retorno até o final de semana, tendo em vista que eles trabalham e precisam de mais tempo para se organizarem. Observa-se, nesse sentido, que essa previsão requerida por meio do ato de planejar “é um momento que envolve uma análise profunda da realidade, das disponibilidades, das possibilidades dos meios, dos recursos humanos e materiais” (MENEGOLLA; SANT’ANNA, 2014, p. 18). Nesse cenário de (re)organização e (re)configuração do planejamento para a alfabetização a distância, constata-se que são (re)inventados o uso de recursos, de estratégias de ensino e de acompanhamento do processo de aprendizagem das crianças, além dos fazeres docentes. Nessa conjuntura, salienta-se que os principais recursos que vêm sendo utilizados pelas professoras participantes da pesquisa, em tempos de pandemia, podem ser dispostos em três grandes grupos. Um deles é composto basicamente pelo uso de folhas impressas, de folhas fotocopiadas e livros didáticos - o qual se assemelha ao conjunto de recursos comumente utilizado no planejamento escolar em tempos considerados “normais” - ; o outro é integrado pelo uso de ferramentas tecnológicas, tais como *Whatsapp*, links literários, plataforma *classroom* e aplicativos *on-line*; e, por fim, o terceiro grupo composto por jogos, alfabetos móveis (confeccionados pelas crianças), vídeos educativos, kits de atividades, material dourado, material de contagem e objetos da casa (para auxiliar nas explicações dos vídeos e fotos). Na esteira desse panorama, há de se considerar, como diversas pesquisas vêm mostrando, que várias destas docentes nunca haviam tido experiência com o ensino a distância e que não tiveram treinamento para utilizar determinadas ferramentas tecnológicas (CAFARDO, 2020). São elucidativas a esse respeito, as palavras da Professora 4 ao destacar que “não estávamos habituados a dar aulas à distância, principalmente na alfabetização, estou fazendo meu papel como professora, pesquisando,

proporcionando uma aprendizagem variada e ao mesmo tempo comprometida com os objetivos do primeiro trimestre. No entanto, não posso garantir que tudo está saindo como eu gostaria porque não estou perto suficiente para observar os avanços e as dificuldades de cada um. [...] Ensinar a ler a distância tem sido um desafio diário, é angustiante para mim”. É válido ressaltar que, todos esses recursos têm sido utilizados de forma concomitante, considerando a realidade de cada rede de ensino e as especificidades de cada turma, na medida em que as professoras alfabetizadoras percebem o ensino e a aprendizagem como elementos de "dependência" e buscam compreender como os estudantes estão ou não dando conta das atividades propostas. Há uma preocupação com o Processo de Ensino (ANASTASIOU; ALVES, 2015), com o ensino e suas implicações na apreensão do conhecimento da leitura e da escrita. O relato da Professora 5 é exemplificativo: “Procuro planejar de forma com que todos consigam realizar, aqueles com acesso a internet e aqueles sem acesso a internet. Porém, aos que têm acesso utilizo dos meios tecnológicos como um plus! Vídeos do youtube, livros em pdf...áudios e alguns vídeos gravados por mim!”. Como é possível observar nos relatos apresentados, as professoras estão constantemente avaliando e (re)organizando o seu planejamento e o uso dos recursos e das estratégias didático-pedagógicas para atingir o maior número possível de crianças. Nóvoa (2020) menciona que, em tempos de pandemia do COVID-19, em meio a tantas incertezas, limitações e dificuldades, as professoras estão tendo que inventar maneiras para não se fazerem ausentes. Conforme o autor, é necessário estar presente, colocar a imaginação, a criatividade, “a nossa profissionalidade, nesse momento de crise, ao serviço dos nossos alunos”. Em meio a essas (re)invenções, identificamos que um novo conjunto de práticas pedagógicas para a alfabetização parece emergir, em tempos de pandemia, abarcando, assim, aquilo que é possível de ser realizado. Áudios, vídeos, atividades escritas - produzidos, indicados e forjados na interlocução com os objetivos do planejamento - passaram a ser enviados via *Whatsapp* e *Facebook*. Para explicar o conteúdo, as professoras se propõem a produzir vídeos, realizar chamadas de vídeo; se colocam à disposição quase que 24 horas; e, por vezes, se deslocam para levar as atividades ao alcance das crianças que não têm acesso à Internet. Tais ações evidenciam que, além de (re)configurar e (re)organizar seus planejamentos, de usar inúmeros e diversos recursos e estratégias possíveis e disponíveis, as professoras estão também (re)configurando e (re)inventando seus fazeres docentes. Os sentimentos de ausência, "o distanciamento", o "não estar presente", o "não estar perto", o "não poder sentir a turma", o "não poder falar com a criança" são recorrentes nos questionários. Nas narrativas - dentre tantas (re)organizações, (re)configurações e (re)invenções -, o entendimento do que é, ou deve ser, o processo de ensino, assim como a clareza de que elementos e/ou habilidades do processo de alfabetização devem ser desenvolvidos, são sempre permeados pela percepção da necessidade da presença, da intervenção intencional e da mediação pedagógica do professor - elementos estes considerados fundamentais ao processo de alfabetização e reconhecidos pelas professoras participantes da pesquisa. É interessante pensar nesse sentido, que o planejamento de práticas pedagógicas que contribuam para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita em tempos de pandemia deve garantir não só o direito das crianças à educação, mas também lhes oportunizar refletir e compreender o momento em que estão vivendo. Afinal, se, por um lado, as crianças estão distantes de inúmeras interações e aprendizados que são proporcionados pelo convívio cotidiano no espaço escolar, por outro lado, esse momento de isolamento e de aprendizagem fora dos muros escolares tem lhes permitido um contato mais intenso com infinitas ações e práticas de leitura e de escrita cotidianas que, por vezes, não são consideradas no espaço escolar, em “tempos normais”. Assim sendo, o ato de planejar em tempos de pandemia, está para além de elaborar propostas de desenvolvimento de conteúdos, como mencionado pelas professoras, e para além da mera transposição das atividades que seriam ministradas no espaço das salas de aula; ele envolve também, e senão principalmente, considerar as relações e práticas de leitura e de escrita presentes no dia a dia das residências familiares, os novos tempos e espaços de aprendizagem, a busca de novos recursos e um comprometimento das famílias com o acompanhamento das atividades propostas. As palavras

de Soares (2016, p. 346), relembram, nessa perspectiva, que uma criança considerada alfabetizada e letrada é “[...] aquela que não só sabe ler e escrever, mas também domina habilidades básicas de leitura e escrita necessárias para a participação em eventos de letramento tão frequentes nas sociedades contemporâneas”. Quiçá a experiência de alfabetizar de maneira remota pudesse ao menos resgatar e contextualizar, por meio de práticas cotidianas, as habilidades relacionadas ao processo de alfabetização que no espaço e tempo escolar são, por vezes, desconsideradas ou descontextualizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Pandemia. Planejamento.

Referências

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de Ensinagem na Universidade:** da prática docente a uma possível teoria pedagógica. Joinville: Univill, 2015. 155p.

CAFARDO, Renata. **Oito em cada dez professores não se sentem preparados para ensinar online.** 2020. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,oito-em-cada-dez-professores-nao-se-sentem-preparados-para-ensinar-online>. Acesso em 10 jun. 2020

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: 31 maio 2020

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT’ANNA, Ilza M. **Por que Planejar? Como Planejar?:** currículo, área, aula. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 157p.

NÓVOA, Antonio. **Conversa com António Nóvoa - A educação em tempos de pandemia.** 2020. Disponível em: <http://geonauta.com.br/sala-dos-professores/cartografia-digital/lives-sobre-educacao-e-ensino-a-distncia/432>. Acesso em 10 jun. 2020

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto Estadual nº 55.115,** de 12 de março de 2020. Diário Oficial Estadual, Porto Alegre, p. 1-2, 2020. Disponível em:

<http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?>

Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=66156&hTexto=&Hid_IDNorma=66156. Acesso em: 18 jun. 2020

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.